



PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES: UNI-VOS!

# Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (SPIC)

## FRENTE ÚNICA! UNIDADE DE ACÇÃO DE CLASSE PROLETÁRIA

Proletários, camponeses, explorados e oprimidos!

O Inverno aproxima-se! A fome espreita mais vorazmente! Agrupemos, breves, as nossas forças! Prepararemos, resolutos, as grandes batalhas de Inverno contra o desemprego a escravidão e o fascismo!

Assistênciã nos presos políticos e sociais! Luta contra o regime de destituição e de delito comum aplicado aos presos por motivos da luta de classes, contra os espancamentos, contra as condenações sumárias, pelo julgamento público dos militantes proletários encoarcerados, pelo leninismo!

Lutemos sob a bandeira do internacionalismo proletário, de Lenina e de Staline!

Por uma acção internacional  
de apoio pró amnistia dos 500  
Trabalhadores e anti-fascistas!

### CAMARADAS!

Os carcereiros viajantes do Governo Salazar conduzem, pelo estrangeiro, — e, agora, na Sociedade das Nações, sobre a base da provocação anti-soviética, — uma campanha de demagogia ilimitada e enlustrada — segundo a qual o «Estado Novo» seria um regime inevitável, de equilíbrio, de progresso e de harmonia económica e social.

Entretanto, por aqui, assistem-se milhares de camponeses, para que não desçam à rua milhares de estudantes, condenados a morrer lentamente em lugubres cavernas. Estabelecem-se penas corporais aos operários que entram em greve, em defesa dos seus salários. Na Política de Informações há gritos lancinantes de presos proletários, sofrendo atrozes torturas...

A França foi arrastada, também, no turbilhão da crise. O processo de fascização da França chocou-se com uma resistência proletária rebelde ao fascismo. Nem Mussolini nem Hitler! — tais eram as proclamações desta resistência.

As oligarquias francesas careciam dum «Estado Forte»...  
— E Salazar?...  
A ditadura que já não iludia o proletariado e os camponeses no interior, sentiu-se tentada à conquista de renome internacional, para conter o crescimento do despeito da pequena burguesia nacional, em relação ao salazarismo e para arranjar uma opinião pública exterior de apoio à aplicação, no país, dos mais ferozes métodos de guerra civil contra-revolucionária fascista contra a revolução que ameaça derrubar a ditadura.

— A França é o coração da Europa! Ela precisa conquistar a França! Choveram vagões de artigos na alta imprensa... Choveram Conferências, de apoteose a Salazar. Tudo isto pago a peso de ouro.  
Com efeito há muitos mais Stávkis entre os Pirineus e o Reno. A revolução, modernamente, decide-se nas ruas, pela força proletária. E o proletariado francês soube fazer uma pega de frente aos Antónioz Ferros...

Azar passageiro souz anão que quere ser gigante e não passa de anão!

A Inglaterra era a principal preparadora da frente capitalista para o ataque à U. R. S. S. Cresciam as rivalidades anglo-norte-americanas. A Inglaterra arrastara mais Portugal fascista na órbita, com fim de preparação guerrista.

A U. R. S. S. revelou mundialmente que segue uma política de paz. A América do Norte reconheceu a União Soviética. O Japão saltou um pouco pela cabeça do cavalo nas combinações anglo-japonezas de repasto da China, de base de apoio para o eventual desencadeamento das hostilidades no Pacífico e da agressão à U. R. S. S. pelo lado do Oriente. Os Hitler excederam as perspectivas inglesas. Há países, momentaneamente, pouco interessados na guerra. Esbarronou-se o Pacto dos 4. Na Grã Bretanha cresce a opinião pública popular favorável à U. R. S. S. e contra a guerra. A Inglaterra não pôde deixar de votar pró-admissão da U. R. S. S. na Sociedade das Nações. E como imperialismo que comanda Portugal, disse ao sr. Caeiro: — «abstem-te!»

Mais uma victoria da politica internacional soviética!

Mais um rudo fracasso da politica exterior salazarista!

Caeiro da Mata, o agente do commercio exterior salazarista, recebeu o encargo de protestar contra a admissão da U. R. S. S. na Sociedade das Nações. E a segunda vez que a embaixada de Salazar nº 1 apronta «caravelas» e segue de abalada... «a dar cartas» na Assembleia Genebrina.

— Mentel mente minto, minto, minto um javardo! — A ordem é: «espiritualização do Estado Novo»...

O sr. Mata chegou e disse:

— Em Portugal não há crise, nem desemprego! Temos finanças equilibradas e bem-estar para todos! Ide vêr aquele cartão, oh

Entretanto, por aqui, assistem-se milhares de camponeses, para que não desçam à rua milhares de estudantes, condenados a morrer lentamente em lugubres cavernas. Estabelecem-se penas corporais aos operários que entram em greve, em defesa dos seus salários. Na Política de Informações há gritos lancinantes de presos proletários, sofrendo atrozes torturas...

A França foi arrastada, também, no turbilhão da crise. O processo de fascização da França chocou-se com uma resistência proletária rebelde ao fascismo. Nem Mussolini nem Hitler! — tais eram as proclamações desta resistência.

As oligarquias francesas careciam dum «Estado Forte»...

— E Salazar?...  
A ditadura que já não iludia o proletariado e os camponeses no interior, sentiu-se tentada à conquista de renome internacional, para conter o crescimento do despeito da pequena burguesia nacional, em relação ao salazarismo e para arranjar uma opinião pública exterior de apoio à aplicação, no país, dos mais ferozes métodos de guerra civil contra-revolucionária fascista contra a revolução que ameaça derrubar a ditadura.

— A França é o coração da Europa! Ela precisa conquistar a França! Choveram vagões de artigos na alta imprensa... Choveram Conferências, de apoteose a Salazar. Tudo isto pago a peso de ouro.  
Com efeito há muitos mais Stávkis entre os Pirineus e o Reno. A revolução, modernamente, decide-se nas ruas, pela força proletária. E o proletariado francês soube fazer uma pega de frente aos Antónioz Ferros...

Azar passageiro souz anão que quere ser gigante e não passa de anão!

A Inglaterra era a principal preparadora da frente capitalista para o ataque à U. R. S. S. Cresciam as rivalidades anglo-norte-americanas. A Inglaterra arrastara mais Portugal fascista na órbita, com fim de preparação guerrista.

A U. R. S. S. revelou mundialmente que segue uma política de paz. A América do Norte reconheceu a União Soviética. O Japão saltou um pouco pela cabeça do cavalo nas combinações anglo-japonezas de repasto da China, de base de apoio para o eventual desencadeamento das hostilidades no Pacífico e da agressão à U. R. S. S. pelo lado do Oriente. Os Hitler excederam as perspectivas inglesas. Há países, momentaneamente, pouco interessados na guerra. Esbarronou-se o Pacto dos 4. Na Grã Bretanha cresce a opinião pública popular favorável à U. R. S. S. e contra a guerra. A Inglaterra não pôde deixar de votar pró-admissão da U. R. S. S. na Sociedade das Nações. E como imperialismo que comanda Portugal, disse ao sr. Caeiro: — «abstem-te!»

O Caeiro absteve-se. Mas a abstenção da primeira hora ridicularizou, por aqui, a propria velocidade adquirida do «Estado Novo» na campanha de provocação à U. R. S. S. Por outro lado, já não é caso

Por Tshelmann e por todos os anti-fascistas presos!

Os Hitler, os Goerings e os Goebbels, cães de fila, derradidos guardiões dos coiros dos capitalistas e dos Junkers (grandes agrários prussianos), alijetaram Tshelmann, não fundo duma cela do nazismo, e fizeram-lhe a condenação à morte — com o fim de debilitarem o Partido Comunista Alemão, baluarte destacado, leninista e staliniano, da Revolução Vermelha alemã, mordida pela bestialidade do Outubro soviético.

O caso Dimitrof — criação imperrodoura mundial proletária do período da corrida geral da burguesia ao delírio fascista e do impetuoso crescimento da combatividade proletária que abre brecha no fascismo — demonstrou que a machada nazista prestes a cair sobre Tshelmann, também, o toque a unir fileiras dos anti-fascistas de todo o mundo na barricada da luta de libertação nacional e social, do cuja vanguarda é a Internacional Comunista.

Trabalhadores de Portugal!  
Lutar por Tshelmann é lutar contra o avosso próprio fascismo!  
Enviad, imediatamente, as autoridades alemãs e aos seus representantes em Portugal milhares de protestos individuais e colectivos de recondenação de amnistia a Tshelmann! Subscreveis esses protestos com milhares de assinaturas!

Enviad as vossas próprias assinaturas a Tshelmann, por meio de cartões de bilhetes postais dirigidos a Berlim!

Que nem um anti-fascista portu-

(Continua na 3.ª página)

(Continua na 3.ª página)



# PAGINA INTERNACIONAL

Unidade de Acção! — Internacionalismo Proletário! — O Leninismo Triunfante!

## Da Republica de "trabalhadores de todas as classes" ao pré-Outubro Soviético

## A situação alemã

As batalhas gigantescas que vêm de travar-se no terreno espanhol assinalam a maior das epopeias que o proletariado haja escrito em toda a Europa, desde 1917 para cá. Esta magna epopeia, que se diz que a hora das batalhas decisivas, contra a dominação do capitalismo, já soa em toda a Península Ibérica!

Na Espanha — vaticinara-o a I. C. — a revolução e a contra-revolução encontra-se frente a frente. E na greve geral contra a formação do *carral* fascista Lerroux-Gil Robles — desde a Catalunha às vascongadas, desde a Galiza à Espanha propriamente dita — nas Astúrias com inextinguível tenacidade heroica — as massas trabalhadoras espanholas, por enormes destacamentos do seu exército, quizeram fazer ver ao mundo inteiro que já estavam à altura de saber ler a cartilha que lhes fora aberta pela I. C.

Qual é o conteúdo tonal das jornadas épicas dos nove dias de combates esforçados proletarianos em toda a Espanha e principalmente nas Astúrias? É a seguinte, em poucas palavras: na Espanha assiste-se a um crescimento imponente da revolução socialista do proletariado.

É a coligação Lerroux-Gil Robles, apostada do aparelho do Governo do bloco burguês-agrário fascisante, sob a complacência aprovativa de Alcalá Zamora, guardião da «democracia» dum República que chamaram de «trabalhadores de todas as classes», para ceder o passo *evolutivamente* ao fascismo que se assinalava a tarefa de esmagar a revolução iminente — não fez mais do que acelerar o processo de revigoramento da mesma revolução proletária e minar as bases fundamentais da estabilização do capitalismo em Espanha.

O 14 de Abril Espanhol (1931) foi caracterizado entre as massas por um forte potencial de fé pela ideia de República. Os capitalistas e os grandes lavradores puderam, apesar disso, respirar à larga, por-

que a queda da monarquia fora acompanhada de fortes ilusões populares sobre a ideologia anarquista. A pequena burguesia exagerava enormemente a noção do papel político que lhe pode ser dado num regime onde os capitalistas e os latifundiários persistem como classes dominantes. A coligação Azanza-Largo Caballero mandatória do poder, recebera a missão de fazer de *pára-raios*, destinado a conter as massas em apêlo ao regime burguês-agrário, apenas embandeirado com a taboleta de República.

A República de «trabalhadores de todas as classes» em breve patenteou a toda a Espanha que não era senão o prosseguimento do regime da fome, da escravidão e opressão dos trabalhadores e dos camponeses, a repressão sangrenta, feroz, de Casas Viejas, Arnedo e Villa, D. Frascque, a remodelação do exército e das polícias, o reinado dos carros de assalto, para a guerra civil contra-revolucionária do capitalismo contra o proletariado.

A revolução e a contra-revolução em Espanha! Este vaticínio da I. C. explicava com toda a antecedência ao proletariado espanhol o carácter arduo, mil vezes heroico das suas lutas para fazer face ao fascismo e aos métodos que iam ser postos em prática pela coligação Lerroux-Gil Robles, em vistas da in-tauração do fascismo — da eternização da sujeição implacável de massas à exploração desentreada do capitalismo.

Todas as forças terroristas e sanguinárias do bloco burguês-agrário, manejadas ciosamente por Lerroux, foram postas em acção para esmagar o protesto de massas contra o fascismo avassalador. E daí se explica que o protesto das massas contra a horda selvática, apostada em apossar-se do aparelho do Estado, não pudesse deixar de tomar, logo a partir das primeiras horas, o carácter dum largo e potente levantamento armado.

Vitória! Vitória! entô-a a imprensa contra-revolucionária da Espanha e a imprensa fascista portuguesa, em primeiro lugar.

Os montes das Astúrias ve-sevindo, efectivamente, de perfetos despenha-lizes do sangue dum vanguarda a cartilha mil vezes heroica, em propeções europeias e peninsular es.

Mas a vitória e cartilha na Espanha é o símbolo da nova querela capitalista. Semelhante viória pressupõe o triunfo da ideologia do fascismo. Ora, o fascismo é o produto da mentalidade do proletariado que se instala momentaneamente no cérebro dos grandes efectivos do proletariado. Constatadamente, porém, a uma mentalidade dessa natureza, a mesma o proletário espanhol que veio em último lugar à contenda, terá ficado para si com a napa azul da acção, que decidirá implacavelmente sobre o

desenrolamento vertiginoso da unidade de acção dos próximos combates:

— Se vós trabalhadores anarquistas — e socialistas, em grau de parte — tivésseis vindo à luta de primeira hora e a todo os nossos métodos, não era o panalho Lerroux-Gil Robles a que governaria hoje a Espanha. O que havia soado era a hora do começo de *poder Soviético-vitório*.

A reacção, no terreno das suas próprias forças, apenas contou com a armadura militar e policial que lhe foi fabricada pelo próprio governo Azanza-Largo Caballero. A sua conservação momentânea no poder deve-a a uma serie de alianças com que ainda pode e tenta manter a si o ornamento. A C. N. T. foi o protagonista da maior traição que se assinalar-se nas mãos dirigentes do anarquismo, através da toda a história da luta de classes. As forças do Partido Socialista encontravam-se divididas entre Largo Caballero, agora vozeiros da revolução, mas que não haviam corrido a organiza-la, e em Trifon Gomez, laca dos fascistas. A capitulação de Companys-Azanza representa a derrota hierárquica das elites políticas pequeno-burguesas da Espanha, serventuárias do fascismo.

Mas a revolução espanhola, agora mais do que nunca, tem a contar para si com um enorme manancial de novas forças.

Ao pa so que o capitalismo espanhol poz a claro toda a iniquidade da sua dominação, como o regime exclusivamente apoiado nos canhões e nas baionetas — base que já se havia tornado insufficiente nas próprias condições do Riverismo — o caminho russo ficou muito mais assinalado na Espanha como único caminho de libertação das massas oprimidas pelo fascismo.

Nas nacionalidades oprimidas pela Espanha (Catalunha, em primeiro lugar) cava-se uma enorme contradição entre o desejo de libertação das profundas massas dessas nacionalidades e a capitulação desavergonhada das suas elites políticas pequeno-burguesas. A revolução Socialista do proletariado entrelaça-se com a luta nacional revolucionária, que encontra igualmente ao proletariado o seu gume exclusivo.

O lado mais fraco das jornadas espanholas — a separação entre o proletariado e as profundas massas camponesas — em breve se transformará na mais potente das alavancas da revolução espanhola. Quanto mais o proletariado se destacou, foi heroico, mais os camponeses espanhóis agora vão compreender como, afinal o proletariado é a única class capaz de libertar os da revolução burguesa-agrária.

É o proletariado espanhol, sagazmente educado nas jornadas imortredoras do seu Outubro, saberi, agora, realizar, com inextinguível firmeza e tenacidade revolucionária, a frente a luta de acção, sob o signo do leninismo, lançar-se reso-

lutando à conquista dos quadros populares da força armada capitalista e eleger, em luta breve e derradeira, o caminho russo, — o lema do seu jovem, mas já esforçado Partido Comunista, — edificando-o sob o fogo imo acavel do seu exército, — em grande parte municiado com os canhões e as metralhadoras que desta vez ainda serviram a reacção de Alcalá Zamora-Lerroux-Gil Robles.

O poder capitalista, apesar do facto de vitória do Governo apresenta já a resistência dum vaivém.

O poder Soviético soará breve em toda a Espanha!

A cada-pa de sangue proletário que se despenha dos montes asturianos decidirá sobre o entrelaçamento definitivo do capitalismo espanhol!

O 30 de Junho abriu o começo do fim da ditadura nazista Alemanha. A canalha contra-revolucionária, desde os trotsquistas aos dirigentes anarquistas, predicou aos trabalhadores que o triunfo do nazismo abria uma época de reacção.

Faliram outra vez nos novos cálculos.

O Partido Comunista da Alemanha, para salvar a honra devia — segundo uns — realizar uma frente única a todo o custo com os chefes da Social Democracia. Segundo outros devia ter decretado a insurreicção.

O Partido Comunista Alemão soube manter firme a bandeira de Lenine e de Stalin nas noites tempestuosas de Janeiro! Frente única sim! mas de accção de classe contra o fascismo! o fascismo não se arreda com paliativos!

E a social democracia ajudou Miller a formar as tropas de assalto para o esmagamento do comunismo. Se tais chefes vieram a ser perseguidos, isso resultou do efeito do chicote dum pedrada!

Nesse tempo não se podia falar imediatamente de insurreicção. A social democracia dividira o movimento proletário em beneficio dos fascistas e isolara o proletariado exteriormente da pequena burguesia.

O 30 de Junho foi, em poucas palavras, o seguinte: a um certo estado da sua luta demagógica, chauvinista e terrorista furiosa contra a revolução proletária, os Hitlers haviam creado uma armada fascista de enormes milhões de individuos. As contradições económicas e políticas continuaram, a pesar disso, a crescer, aclaradas até pelos processos hitlerianos. Dentro em pouco nos próprios quadros desses milhões armados passava-se do *elan* à espectacular, daí à decepção e, rápido, aos primeiros actos de revolta — contra o nazismo que a si próprios uniformizava. Surgiram então os Roehms apostados em arranjar uma saída em *novos moldes* ao capitalismo apodrecido da Alemanha.

Erllão Hitler «camarada dos assassinos, passou a assassino das camaradas». Procedeu fulminantemente.

Por uma questão de temperamento

(Continua na 5.ª página)



# Pró-amnistia dos 500!

(Continuado da 1ª página)

amontoando séculos de penas, sobre os séculos de sentenças já proferidas durante os seis meses de condenações que se seguiram no 18 de Janeiro. Os presos anti-fascistas, em número de cerca de dois mil, estão sujeitos a um regime penitenciário e de degredo, nas cadeias comuns da metrópole, das ilhas do Atlântico e da costa africana. Todos os trabalhadores e militantes proletários que caem nas garras da polícia são ferocemente torturados e arrastados para os calabouços da inominável Inquisição salazaresca. A polícia mata ou encadeia durante meses inteiros. Já montam a centenas os estropiados e enlouquecidos na *Santa Inquisição salazaresca*. A polícia mata como resultado das torturas sofridas no decurso dos interrogatórios Manuel Tonó, militante sindical revolucionário, o Américo Gomes, jovem comunista. Os médicos legais servem de artefices às ordens da polícia, na passagem de relatórios *confirmadores* da «mariposa» por enfermeiros e na indicação dos melhores métodos que a polícia deve pôr em prática, para elevar ao máximo as torturas, sem que a morte chegue, antes do ser arrancada a *confissão*.

O salazarismo é uma perfeita barana de sádicos e degenerados, levados aos postos de comando e do corpo da polícia política, para darem largas à orgia, a expensas da retaliação de carne proletária e camponesa! A polícia, ou tortura e não encobre as torturas que realiza, com o fim de provocar um largo estardalhaço e de massas, ou tortura pelo prazer de torturar, e tanto mais, quanto mais os últimos meses revelaram a incapacidade completa que ela tem de liquidar o comunismo no país.

## Combatentes da Frente mundial contra a guerra e o fascismo!

Inclui na luta internacional contra o fascismo hitleriano, mussolinista, bulgaro, austríaco, etc., a luta contra o fascismo salazaresco! Protege-te ruidosamente junto dos consules e dos embaixadores portugueses no estrangeiro, contra um fascismo que assassina, oprime, degrada e escraviza e transforma Portugal numa verdadeira selva africana!

Vós que lutastes heroicamente na defesa do nosso valente Dimitroff, que já fizestes recuar o colosso nazista da Alemanha e que prosseguis a rude campanha de libertação de Tshelmann, a desastrosamente dirigente da classe operária alemã, a par de que, alargando a vossa resistência revolucionária anti-fascista e incluindo nela a luta contra o fascismo que reina abaladíssimo no interior, procura a sua estabilização no ambiente internacional burguês, formais um fortíssimo arsenal de encorajamento revolucionário à classe operária portuguesa, para a luta nacional pelo derribamento da pandilha dos salazares, dos generais e dos curas e pela edificação dum Portugal livre, proletário e camponês!

- Pró-amnistia dos 500!
- Viva o internacionalismo proletário!
- Por Staline, Dimitroff e Tshelmann!
- Viva a União Soviética!
- Pela China Soviética e pela instauração dos Soviéticos na Alemanha!
- Viva a Revolução proletária e camponesa na Espanha!
- Viva a Internacional Comunista!

Excerto do *Apelo do P. C. P.* do *Comunista Português* (v. p. t. c.)

# Revirvalho e Revolução

Tem menos importância a questão das armas, do que as lições que o proletariado deve colher da história de mais um negócio.

Os «Budas», entregues momentaneamente a si próprios, começaram a voz em uma ou outra tática. «Ou eles saem e lhes saltamos em cima, senão desle logo, pelo menos, após a reintegração dos nossos partidários afastados do x. x. x. ou nós próprios iremos à luta, empregando a estratégia gangster». Encontravam-se as coisas mais ou menos assim, quando surgiu o caso da apreensão das armas.

A história de todo esse negócio veio demonstrar, mais uma vez, o seguinte: Já passaram 24 anos sobre a época em que a pequena burguesia pôde aglutinar forças revolucionárias e fazer herois de 1910 os Afonsos e os pré-«Budas». Hoje, a revolução só poderá ser feita, sob a direcção da vanguarda que o próprio proletariado engendra e nutrendo-se da acção de milhares imensos de trabalhadores e camponeses. O método guerrilheiro ou gangster, torceu-se de todo insuficiente.

A apreensão das armas não é

uma questão do acaso. Provem da própria tática mil vezes fracassada dos chefes do *revirvalho*. No país há milhões de guardadores dum arsenal, que os revirvalhistas haviam colocado na condição de servir «só para a última hora».

Os «Budas» compraram armas ao preço da *uva mijona*, receberam as armas e começaram a vendê-las, a torto e a direito, como modo de aguentar a vida, ante «uma revolução que nunca mais chega».

As armas para derrubar o fascismo, postas nas mãos dos anti-fascistas, teriam conduzido a outro caminho.

Mas os «Budas» não podem cometer semelhante *sacrilegio*.

Entretanto, para varrer das ruas o fascismo, não há outro caminho que não seja o da realização de greves, de manifestações, de acções e de levantamentos parciais proletários e camponeses, protegidos por uma base militante anti-fascista, suficientemente municiada.

O preço «budista» do *revirvalho* é, a cada passo um balão de oxigénio para o salazarismo em estado pré-comatoso. E, na hipocrisia de triunfo momentâneo, ainda não é a revolução. É a procura dum saída, em novos moldes para a burguesia dominante.

# MAIS UMA VICTORIA DA U. R. S. S.

(Continuado da 1ª página)

inédito, o do creado se fazer mais energético do que o dono, na defesa dos interesses do dono.

— Fui, sou e serei! — apito Salazar. Oh! Caeiro: (boa fala novamente!). E o sr. Caeiro falou da *família* e da *civilização* portuguesa... A divisa da U. R. S. S. é, pelo contrário: — «A Terra Giras»... Contra a admissão da U. R. S. S. votaram os *meistres* da «democracia Suíça» e votaram: Carmona, Salazar e o ex-administrador do Banco de Portugal...

Litvinov vem trazer a voz do novo mundo proletário à Sociedade das Nações...

Porque é que o sr. Caeiro vota contra a admissão da U. R. S. S.?

1.º A U. R. S. S. entorpece a guerra dos capitalistas, acelera o crescimento das forças revolucionárias do mundo inteiro, sobre a própria base da sua política inquebrantável de paz; e a entrada da U. R. S. S. na Sociedade das Nações reforça, do ponto de vista internacional proletário, o papel de paz da U. R. S. S. e amadurece a revolução mundial contra o capitalismo. Portanto, o fascista vê na guerra de rapina, de ataque à U. R. S. S. e do extermínio proletário e camponês, a *tábua de salvação*.

2.º O contraste entre o bem estar e a miséria, revela-se mais decisivamente a luz do paralelo entre a vida das massas na U. R. S. S. e a vida das massas em Portugal. A entrada da U. R. S. S. na Sociedade das Nações estilhaça, com mais força, essa propaganda provocadora das agências de reclamos salazaristas, que pintam a vida na U. R. S. S. semelhante a *um operário enforcado numa fouce e num martelo*. E a pandilha capitalista e grande agrária, para continuar a engordar a expensas do sangue e da carne dos trabalhadores, não pode deixar de fechar as fronteiras à verdade da vida da União Soviética.

A voz de Caeiro da Mata é a mais clara revelação de que os Estados capitalistas nacionais se desmornam, ante a influência mundial da U. R. S. S. e o crescimento das forças revolucionárias no seio daqueles Estados. Mas, é também a voz do prosseguimento da preparação da guerra imperialista coligada contra a U. R. S. S. e da vida de miséria e do terror mais implacável dentro dos países sujeitos ao fascismo; — a voz do isolamento nacional proletário e camponês e da supressão das liberdades populares.

- Sustentai a política de paz da União Soviética!
- Defendei a U. R. S. S. contra o avesso próprio fascismo!
- Baixo o fascismo explorador e opressor!
- Pela trabalhadores e camponeses, pela defesa da vossa vida!
- Pela vida de acção de classe proletária!
- Pelo pão! Pela Terra! Pela Liberdade!

# Da galeria...

## Financistas & Prosadores

O Dr. Afonso Costa concede u, há tempos, a um jornal brasileiro, uma entrevista *quilométrica*...

Os periódicos nacionais publicaram, posteriormente, a resposta Salazar àquela entrevista.

Apontemos alguns comentários «da galeria».

O Dr. Salazar fechou o debate com esta tir da *sumamente filosófica*: — «o mal de que enfermou a democracia vinha da escola e entranhou-se na medula do Dr. Afonso Costa»

Ouça, Doutor:

1.º A Escola jamais fez o Estado. Pelo contrário, o Estado é que fez e faz a Escola: umas vezes para ter Escola; outras vezes para completar-se a si próprio.

O Dr. não pode contestar esta asserção.

Um dia, quando a ditadura metia água pelos bordos do barquinho das finanças, o Dr. Salazar foi chamado à imprensa — *como melhor curandeiro*. E o nosso professor, que havia feito a escola que «suasitue» o doutrinarismo teórico por factos da vida real» (A afirmação é salazarista) chegou e disse: E em vez de colher a aprovação do seu recetário, teve que elaborar para si um *recetito de recuperação*: «emlar e seguir... para Coimbra».

Foi preciso o fracasso em Genebra, a propósito do empréstimo, para que o sr. Salazar fosse ouvido na sua *nova pastoral*: «Por meio da noeda, qual alavanca mais potente que a de Arquimedes, eu deixarei a perder de vista todos os planos quinquenais da imaginação soviética» (*Perdoai ao Dr. a modestia...*)

2.º O Dr. Salazar coleça depois a questão: na *ditadura mandam os melhores, contra os outros, piores que tudo*. E a isto chama Salazar *duas escolas*. A e senciã destas duas escolas e a seguinte: «Nos velhos tempos, o que era verdade para uns, podia não ser verdade para outros; agora, o que é verdade e para uns é verdade para todos» (Salazar).

A história diz-nos, pelo contrário: Outrora, como hoje, os magnates, os grandes ricos e as forças vivas faziam de ministros e trepavam as escadas dos ministérios. Nos soares dessa canalha promoviam-se recepções misteriosas e parlamenteras. Os ministros e o securo dos deputados faziam «de ofício», melhor ou pior, seguido de as determinações, a força e os desejos dos cortesãos... O capitalismo encontrava-se no período do seu desenvolvimento pacífico. A livre concorrência estava na base do desenvolvimento capitalista. E livre concorrência, em *linguagem de escola*, quiz dizer: cada grupo político ou parlamentar *criava a sua escola discursiva*, moçada à base do turibilhão dos interesses particulares de empresários e banqueiros separados no processo de venda do *balcão*. A luta de classes do proletariado esboçava os primeiros passos.

Hoje manda uma oligarquia de magnates, capitalistas e grandes landlords. O proletariado e os camponeses brincam menos aos soados. Do acontecimento soviético para cá, a grande burguesia deixou de ter ilusões sobre se o



# Para a historia do movimento operario?

# Os comunistas e o movimento sindical

Recebemos a visita dum papelucho, onde Jaime Ferreira deu a público uma historieta, abundante de Schopenhauerismo, prefaciada com um ataque cerrado ao C. C. E. O autor balisou-nos de «patuscos» e «Secretariado das resoluções fantásticas». e acuzou-nos de «não lhe termos prestado a devida reparação moral, num crime de que foi vítima» (um caso de «adultério»).

Em tempos, o Secretariado, em face duma carta que a tal respeito lhe chegou as mãos, resolveu—«comunicar a Jaime Ferreira que, casos daquela natureza, quando sucedem, resolvem-se na própria origem».

O camarada não se deu por satisfeito. Daí a aparição do tal papelucho.

Nós preguntamos a Jaime Ferreira:

— Esse acto foi praticado por alguém do C. C. E.?

— O folheto em questão fundamenta em qualquer tese leninista a obrigatoriedade que o Secretariado teria de pronunciar-se sobre o assunto?

Algumas palavras sobre o conteúdo *feminino-sexual do nosso crúditto prosador*. Diz Jaime Ferreira que «o seu caso é o nosso caso», o caso do Partido. Em Portugal houve, com efeito, um individuo (Albino Forjaz de Sampaio) que, numa emergência semelhante, quiz demonstrar que «o seu caso era o caso»... *de todos os descendentes do sexo de Adão*. Anúncio de descoberta... *para sentir-se confortado*. Jaime Ferreira pegou em Albino Forjaz de Sampaio às avessas... «para reclamar uma reparação moral que o Secretariado do Partido lhe deveria ter prestado»...

Isto de proclamar que a emancipação da mulher *ha-de ser obra da educação sexual dos adultos e dos jovens* nos quadros da organização do Partido, ou obra do *chicote do Secretariado*, não tem nada que ver com o leninismo. A prostituição e a degradação sexual são o produto da divisão da Sociedade em classes, da inferioridade, do ponto de vista económico, creado à mulher no próprio trabalho e da mulher «objecto de adorno»

**«AVANTE»!**, assim como  **toda a nossa imprensa, deve penetrar em todas as fabricas e quartéis, ser lido em todas as aldeias!**

proletariado é capaz de fazer a revolução e de guarda-la.

O que a verdade para os capitalistas, sobre o perigo de revolução, passou a ser verdade, também, para as grandes lavadeiras.

A «filosofia dos mandamentos do Estado Novo» desta pastoral salazarista é uma receita para o exclusivamente da Polícia de Informaçoes; Serve para explicar o porque da substituição dos vagões fantasmas pela torturação, até ao assassinio, dos militantes proletários na Casa Interna da Rua da Leva da Morte.

Tais são os fundamentos filosóficos verdadeiros das duas escolas a que se referiu, mas não esclareceu, o Dr. Oliveira Salazar.

Um Afonso e um Olivera — visos da galeria — somam:

Duas nuvens poeirentas...

nas médias e superiores esferas da burguesia.

A emancipação da mulher, ha-de ser obra da direcção luta de classes do proletariado, a cargo dos proletários e das proletárias ou proletarizadas, já possuidoras duma mentalidade diferente da da peça mulher que nos aparece como personagem central da historieta de Jaime Ferreira. Com esse lado a lado, na luta do Partido e d

## Forjando o Partido

massas, emanciparemos a humanidade inteira, nos umbrais da Sociedade Comunista.

A ideia de o homem, entidade abstrata, emancipar a mulher, pelo principio da educação abstracta (ou sexual da marca Jaime Ferreira ou Brazil), ou de a mulher só deixar de «perder-se» se o homem se mantiver sempre cordato em relação a ela, é a teoria do «homem patrono», de toda a historia da escravidão feminina, da sociedade medieval e capitalista apenas burrada de linguagem pequeno-burguesa e anarquizante. As «boas» obras sobre educação sexual, já-mais impediram que a burguesia, decadente e sem perspectivas de saída, dê largas à depravação sexual (Alemanha, Portugal e outros sitios) e que a prostituição siga uma curva ascendente, algo paralela a que caracteriza a crise económica e a crise geral do capitalismo.

Da leitura do pasquim de Jaime Ferreira recolhemos este salutar ensinamento: houve uma época em que os fascistas conduziam uma campanha furibunda sobre as pseudo-taras sensuais dos comunistas. E um membro do Partido propoz-se fornecer materiais a essa campanha, elevando a proporção de *lirismo* e de *calamidade colectiva*, um mero caso isolado, que não passa da «odisseia duma fêmea, dum macho e do dono da fêmea».

## Contra o sectarismo!

O camarada Manuilski disse, no XIII pleno da I. C.:

«Muitos comunistas estão prontos a morrer, em qualquer momento, heroicamente nas barricadas; mas são incapazes de compreender o heroismo do trabalho prosaico, cotidiano, meticoloso. E' mais fácil levá-los à insurreição, do que obrigá-los a trabalhar dia a dia num sindicato reformista ou fascista, onde em vez de realizar ataques repentinos é preciso levar a cabo um assédio prolongado.

A Internacional Comunista trabalhou anos inteiros com o P. C. italiano, para quebrar a resistência dos camaradas italianos, em face dos sindicatos fascistas—sem ter conseguido ainda uma viragem completa. Só graças a uma grande pressão se conseguia que os camaradas chineses actuassem nos sindicatos amarelos do Kuomintang. Os jovens quadros dos Partidos Comunistas preferem a mais dura ilegalidade, a respirar o mesmo ar que respira um comissário fscista num mesmo salão. Sofocam-se num sindicato fascista porque af

irmamos, no último artigo, alguns dos verdadeiramente edificantes do desinteresse dos nossos camaradas pelo movimento sindical, realizado até após 1932.

1.ª constatação: Os anos de 1932/33 foram caracterizados por uma recessão crível que levou o curso dos nossos camaradas à prisão e à deportação. E se os nossos efectivos se triplicaram, ou mais, depois disso, tal facto quere

dizer que a quasi totalidade dos nossos actuaes efectivos é composta de camaradas apenas com um ano ou dois anos de experiência de trabalho comunista. Prova este crescimento das fileiras que a repressão é incapaz até de alterar o ritmo do progresso desenvolvimento das fileiras do nosso Partido. Faz-nos, agora, ter em conta a indispensavel preparação de quadros e principalmente de harmonia com as condições novas que foram creadas no movimento sindical.

2.ª constatação: A debilidade dos nossos quadros após o primeiro embate da repressão, a mentalidade «crença do revirvalho que enidaceus», creado em alguns escalões da nossa base uma mentalidade de expectativa, o sectarismo no trabalho sindical, que ainda não rompemos completamente—estas fraquezas dirigentes contra o partidário—que explicam, em grande parte, a dificuldade que os nossos camaradas tem tido de abordar as largas massas, de transformar os sindicatos em «escolas do comunismo» à base da luta pela frente única dos trabalhadores e pelo seu combate em torno dos interesses de dia e da preparação do proletariado para a conquista das suas vindicações concretas.

a) O nosso Partido impõe (e nas condições da ilegalidade tanto mais) que cada um dos seus mem-

bro não seja apenas um cotizante. Cada membro do Partido deverá ser um militante e, para isso, é preciso que cada um dos nossos camaradas desempenhe nos seus quadros uma tarefa concreta e relevante junto das massas um trabalho determinado: que faça gravitar em volta de si um nucleo de simpaticantes na fábrica, na exploração agricola, na rua ou no Bairro; que forme um comité de luta anti-fascista ou um nucleo do S. V. I.; que trabalhe na base ou nos quadros dirigentes sindicais revolucionários e a ele se arraste as massas proletárias sem partido ou que organize e dirija a opposição nos sindicatos fascistas que agregam massas; que lute pela formação de comités de fábrica e de camponeses; que se encontre na direcção das lutas e movimentos espontâneos das massas; que promova as lutas parciais das massas sob a sua actividade individual e colectiva da célula e do conjunto do Partido, etc, etc.

b) O recrutamento e a promoção nos quadros do Partido—promovido dirigida no sentido da quebra «dos jarrões», da «hierarquia burocrática» e «dos contemplos» ou «criticistas snobs»—devem fazer-se à base das condições acima estabelecidas. Aquelles é que constituem o conjunto essencial de provas a submeter obrigatoriamente os actuaes e os futuros membros do Partido.

Or, a organização de massas que pela sua natureza mais deve prender a nossa atenção, sobre a qual se veem mais de *sessenta e cinco* da actividade de bloco do Partido, é, sem dúvida a organização sindical.

Viremos, em seguida, como cumular esta tarefa.

## IRRADIAÇÕES

Por terem agido resactivamente como *desagregador consciente* e como *provocador*, o C. R. de Lisboa irradiou das fileiras do Partido Jaime Ferreira e João Vidal, ambos tipógrafos.

## C. R. S. OU «CAMORRA»?

Um doutorito nevrótico, mais um pedaço de anarquismo saltitante, mais uma *chaplada de ilusões revirvalhistas*, mais um *desmembramento avariado da «Luta de Classes»* efectuaram uma reunião *campestre e partiram* a O. R. S., 4 individuos e 3 letras, e's uma organização que ninguém conhece, nem viu nascer—que acabou a dirigir-se a um pleno (???) afim de *empeçar* um movimento de frente nica...

Respigamos do seu programa estes parágrafos:

«III—Directivas para uma possível colaboração com os politicos burgueses na acção contra a actual ditadura.

«VII—Em caso de reconhecimento desta organização—(quer dizer do reconhecimento das 4 e das 3 letras...)—o pleno (?) reconhece ou não a necessidade de controlar todos os seus actos PEL' TRIBUNAL SECRETO da O. R. S.»

A isto chamam os 4... frente única pela base...

Polícia de Informaçoes, tu quês? Cuidado proletários, compões e organizações anti-fascistas!



# O fascismo nos Campos

**A crise agrária e vinícola estilhaça a demagogia do Estado Novo!**

**A Federação dos viticultores do Centro e Sul entrou em perfeita banca rota! 29 Concelhos abandonaram esse organismo fascista de Salazar, rainha dos vinhateiros pobres!**

Vinhateiros do Centro e Sul do Portugal! Levantai-vos contra a lei de armazenagem obrigatória dos vinhos da nova colheita! Reclamai:

Medidas de protecção imediata contra a fome do inverno! Facilidade de venda dos vinhos da velha e da nova colheita! Crédito para as culturas do próximo ano! Abaixo os 18% para a F. V. C. S. P.!

Rendeiros do país! Abaixo as rendas, as eisas, os censos e os foros! Quo a terra que amanhais vos seja dada ou usufruto e propriedade, sem quaisquer encargos do regimen burguês agrário!

Camponeses pobres! Supressão imediata dos impostos do trabalho e de consumo e redução consideravel das contribuições sobre as vossas leiras e terriolas!

Pelo restabelecimento do mercado livre de vinhos e cereais!

Trabalhadores agricolas! Por um socorro de inverno, pela jornada de 8 horas e por um salário que baste para viver! A pé! pelo caminho agrário da Rússia Soviética!

## A POLITICA AGRÁRIA DO FASCISMO, A LUZ DOS PRÓPRIOS JORNAIS FASCISTAS

**SÃO MARCOS DA SERRA**—23 Set.—Realizou-se a feira anual desta localidade. Apesar de ter havido grande concorrência de feirantes, não houve o movimento que se esperava, em virtude da crise. A industria encontra-se quasi paralizada. (Noticias Agricola)

**ALGÉS (Algarve)**—Os frutos, alem da recolha meticolosa, são pouco procurados e regeitados na maioria. Há tendencia para nova desvalorização de preços. (N. A.)

**HORTA DA VILARIÇA**—Os viticultores desta região estão lu-

tando com enormes dificuldades. Não conseguem vender os seus vinhos e a maior parte deles não têm vasilhas, nem armazens para os guardar. (N. A.)

**QUINTELA DE AZURARA**—As transacções da última feira foram poucas e a baixo preço. (N. A.)

**OLIVEIRA DE AZEMÉIS**—Privados de fornecer livremente os pequenos padeiros da terra, os pequenos produtores, alem disso, assolados pelos agentes do fisco, pelas multas por virtude da venda ilegal de cereais—o pó o tri-

giu-se em manifestação junto da Câmara Municipal. Os salazares da Câmara foram obrigados a recuar um polco. (O Século)

**REGIÃO DE VEIROS**—A colheita de trigo foi abundantissima. Apesar disso, o preço do pão elevou-se 1, 2 e 3 tostões por quilo e manifesta tendencia para maior encarecimento. A última colheita de azeite foi, tambem abundante. No entanto o azeite subiu 2000 por litro. O trabalho escasseia e os salários baixam. (O Século)

**MÉRTO**—A colheita foi muito

concorrida mas fraca de transacções. A Federação dos Produtores do Trigo ainda não pagou o que lhes foi vendido. Todos os dias se formam «bichas» à porta da referida Delegação. (N. A.)

**BOMBARRAL**—Devido à falta de pagamento dos vinhos, a demora em tirar os já comprados e à falta de resoluções sobre a recolha dos mostos sobranste das vasilhas, um numeroso grupo de viticultores do Bombarral dirigiu-se ao Grémio Concelhio e inerepou a direcção. (O Século)

**Ação proletária imediata de protesto contra a condenação à morte dos 150 anti-fascistas búlgaros! Defendei a U. R. S. S. contra as provocações nipónicas, por meio de protestos dirigidos à Embaixada Japonesa!**

### A situação alemã

(Continuação da 2ª página)

natural da raça alemã? Nada disso. As contradicções do capitalismo é que determinam o nervosismo e o delirio dos verdugos alemdorados nas cadeiras do Poder capitalista. O 3/7 de Fevereiro, o 26 de Agosto, etc., dizem muito sobre este «racismo» em linguagem portuguesa.

Hilber subiu a chanceler do Império. Bom lugar, não é assim?

Surge apenas um pequeno mas, E' que ao passo que Hilber havia prometido matar o comunismo em 24 horas, o que em primeiro lugar recebeu a morte foi a lese nazista do Partido colosso guardião industrial dos capitalistas e dos junqueros. O 30 de Junho precipitou a queda do nazismo para uma ditadura semelhante à dos altos comandos da primeira fase do reinado do Carroona—quando essa espécie de comunismo já se tornou insuflente num país de menores comocões do sistema capitalista e de nullíssimo menor ascenso político do movimento revolucionário.

Dois mais dum mês após, Hilber recebeu 5.000.000 do «novo», alem de nullíssimos outros que foram transformados em «sino» pela ciência de falsificação «oligétera» dos Governos dos Goebbels.

O comunismo vive e desenvolve-se

### No Conselho nacional das Corporações

Mussolini declarou, num discurso: «Chegámos agora a um ponto em que se o Estado adormece 24 horas, esta pausa seria suficiente para provocar uma catástrofe. Esta é a crise do sistema capitalista na sua significação universal.»

«Arbeiter Zeitung», de 16-11-1933

A luta pelo poder soviético, palavra de ordem principal do momento actual e directiva para a preparação da classe operária para as lutas decisivas pelo poder, sai d'este modo duma situação em que o defensor abnegado do capitalismo não pode caracterizá-la contra maneira «a crise do sistema capitalista na sua significação universal».

na Alemanha, sob o signo da luta por uma Alemanha soviética.

Que trema a burguesia mundial! Em breve o Partido de Tshelmann encorará o *De profundis* aos Krupps o Tyssens e os gen-rais da Reichswelher; e a bandeira rubra da foice e do martelo tremulará onde agora impera a mais negra reacção capitalista.

### Ação mundial de luta pró-amnistia de Tshelmann

— Em frente da Embaixada alemã em Sofia (Bulgária), realizou-se uma potente manifestação de protesto contra o terror fascista na Alemanha e pró libertação de Tshelmann.

— Em toda a América do Norte têm tido lugar várias manifestações imponentíssimas. Em Chicago efectuou-se um comício presidido pelos membros mais eminentes do Tribunal anti-fascista de New-York. Em vários Estados as massas têm protestado contra as brutalidades a que Tshelmann têm sido submetido.

— Em Londres-Oeste, uma multidão como jamais fora vista desde as jornadas do armistício, no seu desfile ressoava, e insurdecedora o gritou: «Liberdade para Tshelmann».

A noite houve comícios em todos os pontos da cidade.

— Em Goeteborg e em Norrköping (Suécia) os anti-fascistas pinaram, nos costados dos navios alemães surtos nesses portos, em grandes letras: «Liberdade para Tshelmann».

— Em toda Checoslováquia produziram-se importantíssimas manifestações de luta pró-Tshelmann, apesar da proibição delas pela policia. Os jovens principalmente foram os promotores destas jornadas.

— Toda a França tem sido teatro

duma enorme campanha pró-Tshelmann e por todos os anti-fascistas alemães encarcerados e torturados pelo nazismo.

— A «Frente mundial da luta contra o fascismo» resolveu emprender um grande processo de combate internacional contra a barbarie nazista, sob o signo da defesa do principio do direito que assinala: «nenhuma pena sem lei». Várias individualidades de destaque no pensamento juridico anti-fascista do todo o mundo se encontram empenhadas nesta campanha. Nos dias 20-22 do corrente terá lugar em Paris uma conferencia de inicio dessa campanha.

**PORTUGAL**— Os trabalhadores de Setubal enviaram muitos protestos pró-libertação de Tshelmann ao consulado alemão. No Arsenal da Marinha receberam muitas assinaturas no mesmo sentido. No Barreiro appareceu o primeiro numero do organo duma ceclula de rua, cujo titulo é «Tshelmann!». Publica um apelo ás massas barroirenses, para que se associem à campanha pela amnistia Tshelmann. Os marinheiros anti-fascistas encorporaram-se na campanha contra o terror nazista, enviando protestos ao consulado alemão e ás suas próprias saudações a Tshelmann.

### PROLETÁRIOS E ANTI-FASCISTAS PORTUGUÊSES:

Protestai contra as condenações dos combatentes revolucionários da Espanha!  
Por uma torrente de solidariedade para com o proletariado irmão!  
Por um direito de asilo aos emigrados anti-fascistas espanhóis!



# Pontos fundamentais do Programa do Governo Operário e Camponês

Os estragos ocasionados pela crise industrial e agrária, ao cabo de três anos de elevação desenfreada das cargas tributárias sobre a economia nacional, ainda forneceram uma relativa base demagógica para novas proclamações ultra-reacionantes do Salazarismo. A vertigem — «Corporativismo» e «autarquia» — batizada de *grande obra de renovação nacional*, constituiu o pano de fundo das discussões dos *magistrados*, senhores do Terceiro Império no período contemporâneo.

A fórmula — «Tudo pela Nação, Nada contra a Nação» carac e impõe, no campo da política económica governamental, pela criação de cartéis e de monopólios, nos domínios do comércio e da indústria, e pela criação de federações, nos domínios da lavoura. Essa fórmula, aplicada à sua própria ciência, colocou, em presença desta dura realidade: *O mercado nacional interno e da exportação passa, cada vez mais, a ser exclusivamente regido pelos grandes empresários, capitulistas e grandes lavradores.* O erro e a destruição das pequenas e das médias economias particulares e o empobrecimento de camadas mais numerosas da população portuguesa, Nova e Antiga, evidenciam-se como a verdadeira realidade. Os proletários das cidades e dos campos servem, mais, de pasto ao agravamento dos salarios, à miséria e à fome. A pequena lavoura e o pequeno comércio e o artesanato, ante a redução desenfreada da capacidade de consumo das camadas populares e sob o peso dos impostos. Em alguns ramos onde foram criados os cartéis (conservas) o salazarismo decretou quatro meses de desemprego permanente em cada ano. Na lavoura assila-

riada, o desemprego total eleva-se, em alguns pontos, a seis meses anualmente. As mulheres e os jovens proletários trabalham, sujeitos a um verdadeiro regimen de forçados. O fundo de desemprego, arruina o nos salarios e à maior exploração da produtividade individual proletária, a mão de obra paga a preço de miséria, serve de novo modo de financiamento das empresas capitalistas, de reforço da concorrência sobre os mercados exteriores (vinhos e conservas) e de alargamento dos trabalhos destinados a fins estratégicos, militares e improditivos.

A crise nacional desenrola-se nas condições de crise geral do capitalismo, do contraste cada vez mais edificante, entre o sistema capitalista moribundo, e o sistema soviético vitorioso, e do favorecimento por ornamental salazarista da accentuação do capitalismo de monopólios. A *salvação dos capitalistas da catástrofe* encontra-se mais irremediavelmente ligada ao prosseguimento da politica fascista de exploração e opressão das grandes massas, à luta mais encarniçada dos capitalistas nacionais pela conquista de novas zonas de exploração e de exploração, à incorporação do capitalismo português nas tendências da guerra contr-revolucionária contra a U. R. S. S., contra a Revolução Soviética e da guerra proletária contra a revolução proletária camponesa espanhola e chinesa que ameaça deitar a terra o porção da cancha grande burguesia latifundiária, do lado de lá da fronteira do norte e do leste português.

A *crise económica nacional portuguesa se modifica de caracter.* Toda a produção e a própria economia interna se atrofiam, em benefício

de escassos ramos, inteiramente mobilizados para a guerra e para a elevação do parasitismo militar.

A politica de agravamento das contribuições e dos impostos e da invenção de novos e pesados impostos municipais e concelhios persiste na ordem do dia e vai alternar com o inflacionismo aberto e mascarado, com a elevação do custo da vida e com o empobrecimento mais inexorável das grandes massas.

A «autarquia» local e colonial salazarista, não tem outro fim que seja o de arrancar para o Estado todo o manancial das contribuições e dos impostos sobre o trabalho e os artigos de consumo das massas da Metrópole, e levar as populações coloniais, arrastadas no turbilhão da crise, a roerem a sua própria carne, a sustentarem, por conta e risco, uma pesada burocracia militar e civil metropolitana e a servirem de carne de canhão da carnificina mundial ou de anexação que os imperialistas preparam com o mais audaz desceio.

Semelhançadamente às características internacionais do fascismo, o salazarismo da «revolução nacional» e o capitalismo apodrecido e agonizante, que prossegue como prolongar artificialmente a sua existência, por meio da guerra imperialista e contrarrevolucionária, da guerra nacional e do terrorismo, não há novo, depois da exportação dos cartéis, das federações capitalistas e grandes empresas da «Santa Aliança» burguesa-latifundiária, dos «grandes colonos», da maior sujeição das colónias ao imperialismo português e da aplicação do terrorismo branco sobre as massas — é que toda a estrutura da Metrópole se atrofina e desagrega toda a

economia e social de suporte duma nova existência da democracia portuguesa.

Em face das condições actuais do apodrecimento internacional do imperialismo e dum imperialismo nacional que exprime e põe a clara tentativa de expansão territorial («Acto Colonial português»), donde resulta a própria origem do acirramento das cobichas dos imperialismos «exteriores» sobre as colónias portuguesas — a verdadeira luta libertadora das colónias contra a sua sujeição presente e a ameaça do inimigo exterior não pode ser levada a termo, senão com a condição de ser a luta das populações coloniais contra o seu próprio imperialismo — *pela sua própria auto-determinação.*

O que se está operando, bem contra vontade do próprio fascismo é um conjunto de transformações económicas e sociais, sobre as quais se eleva a polarização da luta de classes entre a barricada da contr-revolução fascista apossada do poder e a revolução proletária e camponesa que se ergue ameaçadora no país.

A pequena burguesia e algumas camadas do semi-proletariado, ou prosseguem amarrados às ilusões demagógicas do fascismo e se transformam voluntariamente em forças de apoio ao terrorismo, ou se aliam ao proletariado e aos camponeses pobres — e a revolução operária e camponesa em emancipará da escravatura, do fascismo e do terror, condições que lhes foram abertas pelo capitalismo moribundo e pela própria democracia.

O Partido Comunista Português luta pela revolução dos explorados e oprimidos nacionais e coloniais, sobre a base do seguinte programa fundamental:

- 1.º — Confiscação, sem indemnização, de todas as terras dos grandes lavradores, da Igreja, do Estado e dos Municípios, com o recheio, e sua distribuição gratuita pelos camponeses pobres, jornaleiros e trabalhadores rurais;
- 2.º — Abolição de todas as dívidas dos camponeses, de todas as cargas feudais e semi-feudais (rendas, feros, etc.) e de todas as contribuições e impostos do regimen burguês agrário;
- 3.º — Ajuda imediata aos camponeses, com créditos, sementes e máquinas;
- 4.º — Melhoramento imediato e decisivo da situação dos trabalhadores rurais e jornaleiros de lavoura;
- 5.º — Confiscação e nacionalização das empresas da grande indústria cartelizada ou de «Sociedades anónimas»; controle pelos soviets (conselhos) de produção e distribuição; nacionalização dos bancos, dos caminhos de ferro e de todos os grandes meios de transportes e de comunicações (camionagem, electricos, barcos, aviação, telefones, etc.);
- 6.º — Introdução geral da jornada de 7 horas e melhoramento do nivel de vida das massas trabalhadoras. Medidas de protecção e trabalho para os desempregados;
- 7.º — Seguro social completo, de todos os trabalhadores, na doença, acidentes, invalides e no de emprego; nacionalização do Estado, da industria nacional e dos patrões ainda não expropriados;
- 8.º — Liberação imediata e completa das colónias; auto-determinação dos Arquipélagos da Madeira e Açores, e em reconhecimento até, do direito a separação de Portugal;
- 9.º — Dissolução da Guarda Nacional Republicana, das policías e de todas as forças armadas dos capitalistas e grandes lavradores; armamento geral dos operários e camponeses; supressão do funcionalismo hostil às massas populares; eleição pelos soviets (conselhos) de operários, camponeses, soldados e marinheiros dos funcionários do povo;
- 10.º — Supressão do exercito permanente, como instrumento nas mãos dos capitalistas e grandes lavradores; eleições democráticas, pelos soldados e marinheiros, do corpo de oficiais; eleição, pelos soldados e marinheiros, dos seus deputados para os soviets de operários, camponeses, soldados e marinheiros; criação do Exército Vermelho dos operários e camponeses, para defesa dos interesses das massas populares;
- 11.º — Solidariedade proletária para com os povos oprimidos do mundo inteiro; realização da união fraterna com a U. R. S. S.

NO PROXIMO NUMERO:

CAMARADA: AFIXA ESTA PAGINA PARA QUE TODOS OS TRABALHADORES A LEIAM.

“O Caminho do Governo Operário e Camponês”